

# A ENTREVISTA DE TODA UMA GERAÇÃO

SÉRGIO CABRAL

A entrevista da Leila foi uma entrevista histórica. Nós já tínhamos um censor, aliás, uma censora, uma senhora. E você vai ver na entrevista os asteriscos, usados ali pela primeira vez. A partir daí usamos sempre os asteriscos até que foram proibidos, porque significava que ali estava uma palavra que não deveria ser publicada em nome dos valores de algumas pessoas.

Leila era uma pessoa querida, é de que me lembro. Eu me lembro que era uma gatinha. Todo mundo gostava dela. A gente se falava muito pelo telefone. Ela ligava para *O Pasquim*...

A entrevista foi feita na casa do Tarso de Castro. É até bom dizer isso porque no filme (*Leila Diniz*, de Luís Carlos Lacerda) a entrevista se passa numa piscina porque a foto que ilustrou a entrevista foi uma foto tirada numa piscina, mas a foto foi feita depois. Foi na casa do Tarso, que era ali em Ipanema, na rua Henrique Dumont, no sala, nós todos sentados no chão, sábado à tarde. Teve um clima muito alegre, descontraído.

Contei para ela que vi *Todas as Mulheres do Mundo em Curitiba*. Eu tinha ido lá e não tinha visto o filme quando passou aqui, aí fui ver. Tem um momento em que ela briga com o namorado e diz: 'Vou para Curitiba'. Todo o cinema, na hora, gritou: 'Obal! Foi uma alegria geral'.

A entrevista teve tanto sucesso, acredito, porque se falou abertamente de sexo, e não se falava naquele tempo. Você vê como o tempo passa e a gente esquece das coisas. A palavra 'bicha' foi impressa pela primeira vez em *O Pasquim*. E um ano ou dois antes eu ouvi pela primeira vez no Maracanã a torcida do Vasco gritando para o Armando Marques, o árbitro: 'Bicha, bicha, bicha'. O Armando Nogueira, que era jornalista de comportamento britânico, ficou pálido de revolta, e olhava para mim como se eu fosse culpado, porque eu era vascaíno. 'Mas é um absurdo uma coisa dessas!' Isso na década de 60.

Eu acho que não há nada mais carloca do que esta entrevista da Leila. Ela foi uma continuação das conversas que a gente tinha com a Leila. Ela me falava coisas com que eu ficava impressionado, com a maior naturalidade, uma gracinha. Foi uma continuação de nossas conversas no Jangadeiros, no Zepelin. E acho que este tipo de cultura só tinha no Rio, na zona sul do Rio.

co também como professora, então eu fui fazer anúncio. Trabalhei numa agência de modelo e fiz figuração de filme pra (\*) aqueles filmes americanos todos alucinantes. Fiz anúncio de Coca-Cola, andei de Volkswagen, usei desodorante Van Ess na (\*), todas aquelas coisas alucinantes. Ganhava um dinheiro por fora. Eu entrei em televisão, inclusive, por isso. Não foi através do Domingos. Entrei fazendo ponta em Grande Teatro Tupi, Teatrinho Trol etc. Puxa! Teatrinho Trol, naquela época! Eu acho que estou ficando velha. Bem, aí fiz *Todas as mulheres do mundo*; quando a gente fez o filme, já estava separada.

Tarso — Você admite censura a uma obra de arte?

LEILA — Pô. Tarso: de jeito nenhum. Foi o que eu perguntei aos censores: que tipo de preparo tem uma pessoa que vai julgar e censurar uma obra de arte. Eu não teria coragem de ser censor. Se eu fosse julgar uma obra de arte, eu teria de ser uma pessoa inteligentíssima, cultíssima, muito humana e muito por dentro das coisas. Censura é ridículo, não tem sentido nenhum. Do jeito que é feita, inclusive, não tem nenhuma noção de justiça, cultura, nem nada. Foi julgada e censurada uma peça de Sófocles, lá no Teatro do Rio, não foi? É um absurdo. Procuraram até o Sófocles. Aí é fogo. Acaba qual-quer papo.

Sérgio — Na sua novela, a personagem foge com o Zóximo Bobul. Na Europa, isso é moda há muito tempo. Eu pergunto: há alguma diferença sexual do negro pro branco?

LEILA — Eu só tive um homem negro. E não vou comparar meus homens porque é sacanagem. Dizem que os negros têm potencialidade etc. Eu acho que é a mesma coisa. Depende do cara. Nesse negócio, não tem nada a ver. Tem uns que são bons de cama, chega lá e não combina; a gente é boa de cama, chega lá e não combina. Esse

negócio depende muito. O negócio é aquela ligação, está na pele.

Jaguar — O Anselmo Duarte disse que...

LEILA — Ah, deixa eu falar do Anselmo porque ele disse um negócio tão lindo de mim. Figuei até com pena de não ter tido nada com ele lá em Congonhas. Ele disse que eu me dedico aos homens. Ele é muito bacana e deve gostar muito de mim pra dizer um negócio desses. Eu não sabia que ele gostava tanto de mim.

Sérgio — Você deixou de ser virgem com que idade?

LEILA — De quinze pra dezesseis anos. Agora, eu não gosto muito de falar de minha psicanálise. Quando eu vou ao ginecologista, eu não vou dizer no jornal. Se vou ao analista, cuidar da cuca, por que eu vou ter de dizer? Se eu precisar cuidar de uma coisa, vou ao ginecologista; se precisar cuidar da outra, vou ao analista. Espero que eles estejam sempre lá e eu tenha dinheiro pra pagar. Embora eu ache que até análise devia ser de graça e paga pelo governo. Pra mim, adiantou muito. Quando eu fui ao psicanalista, eu estava realmente batendo com a cabeça no poste. Na época eu ganhava cinco contos, e pagava três de análise. Depois, me aconteceu um negócio bacana. Eu já tinha parado de fazer análise e começado a trabalhar como atriz, quando recebi um cartão de meu psicanalista. Foi um ano e meio depois que eu tinha deixado. O cartão dizia: "Leila, assisti ao teu filme. Continuo, como sempre, a acreditar em você como gente e, agora, como artista".

Sérgio — Você deu pro seu analista?

LEILA — Não. Ele era aquele kleiniano, freudiano, sei lá, que ficava sentado lá, te esculhambando paca

Leila tinha um conjunto de qualidades. Era jovem, bonita, inteligente, articulada, sem medo da novidade. Era ela a novidade. Quando a conheci de perto, n' *O Pasquim*, vi outras qualidades. Ela tinha uma generosidade absurda. Quando a equipe d' *O Pasquim* foi presa, ela foi de uma solidariedade absoluta. Ful um dos últimos a ser preso e inclusive cheguei a ficar na casa dela, antes de me apresentar; tive que me apresentar - foi uma história confusa, envolvendo o Paulo Francis - porque eu era o editor do jornal.

A Leila foi escolhida para ser entrevistada porque era uma pessoa de projeção - a novela em que ela trabalhava estava explodindo - e porque tinha o que dizer. Eram duas coisas fundamentais para a escolha. A gente sabia que ela era uma entrevistável de primeira qualidade, mas não esperava que desse uma entrevista tão divertida e apropriada. Acho que foi porque ela se sentiu à vontade. Não franziu a testa nem uma vez. Estava muito à vontade. Nem sei se teve bebida. Aliás, ela não bebia.

Ela queria mudar as coisas. Por exemplo, o negócio dos palavrões; evidentemente que ela percebia, porque ela falava com várias moças que não falavam palavrão. Ela sabia que era diferente das outras, sentia isso numa boa, sem nenhum constrangimento, sem qualquer noção de pecado. Ela está no céu, tenho certeza absoluta, porque ela jamais pensou em agredir quem quer que fosse com suas palavras.

**Sérgio Cabral** — Qual é o autor que você mais gosta de trabalhar?

**LEILA** — Paulo José. Essa é mole de responder.

**Tarso de Castro** — Seu primeiro filme foi o do Domingos, não foi?

**LEILA** — Todo mundo pensa que, de repente, o Domingos botou essa mulherzinha lá pra trabalhar e foi a glória da vida. E realmente o Domingos foi a glória da vida, foi potreta paca eu fazer o filme. Mas antes eu fiz dois filmes: aquele alucinante *O mundo alegre de Helô* e um da Sílvia Pifal, do Alcoriza. Um que eu fazia a empregadinha. Como é que chama? Do Luiz Alcoriza, aquele cara que foi assistente do Buñuel. O filme era uma (\*) incrível. O nome era *Jogo perigoso*. Tinha dois episódios e eu fazia um deles. Quando Domingos resolveu fazer *Todas as mulheres do mundo*, eu já estava existindo mais ou menos como atriz.

**Tarso** — Mas você passou muito tempo sendo a mulherzinha do Domingos, professorinha etc.

**LEILA** — Não foi muito tempo, não. Eu comecei com o Domingos lá por 62, fins de 61. Me lembrar de data é (\*) pra mim. Eu era professora mas zoneava bastante por aí. Eu conheci o Domingos porque namorava um rapaz de teatro, o Luís Eduardo. Naquela época, ele estava fazendo a peça do Domingos, *Somos todos do jardim de infância*. Eu estava voltando ao namorinho com o Luís Eduardo mas conheci o Domingos e dei aquela decisão. Durante a peça, eu já estava na do Domingos, não é? Daí a gente juntou, teve aquela zorra toda. . . Porque eu sou solteira, não é? Sou casada (\*). Eu fiquei com o Domingos, sendo professora, e ainda estudando porque estava fazendo o clássico à noite. Eu ensinava de dia. Fiquei com o Domingos uns três anos, durante um ano e meio eu ainda era professora, depois já era atriz. Como a gente era muito dura, o Domingos escrevia para a *Manchete*, jornal, (\*) a quatro, escrevia peças e aquelas coisas, a gente não ganhava dinheiro nenhum e eu ganhava pou-